

SER ADULTO, SER GAROTO E SER ESCRITORA: QUEM ÉS RAQUEL?

Liviane Rodrigues Maia¹

1 Identidade

O mundo vivencia uma série de mudanças estruturais (políticas, sociais, culturais, econômicas,) que desestabilizaram os quadros de referência que ofereciam aos indivíduos um lugar estável e definido no mundo social.

Esse novo cenário global, denominado por Hall (2006) de *pós-moderno* ou *modernidade tardia*, ativa as discussões a respeito do termo *identidade*. Segundo Hall “estas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2006: 9.)

De acordo com Bauman:

quando a identidade perde as âncoras sócias que as faziam parecer “natural” ,predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente a um “ nós” que possam pedir acesso. (BAUMAN. 2005:30.)

Essas concepções estão centradas no conceito de *identidade* como um processo histórico que acompanha e se transforma ao longo do tempo considerando o tipo de sujeito social próprio de cada momento.

2 Infância

Ao longo da evolução humana, a infância materializa-se como uma criação social sujeita a mudar sempre que a sociedade sofre transformações estruturais amplas. Por isso que a idéia de infância, surgida apenas por volta do século XVI e XVII, não é a mesma dos dias atuais.

Steinberg & Kincheloe (2001) compartilham dessa concepção de infância como uma criação da sociedade, ou seja, um artefato social e histórico, que está sujeito a

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC)

mudar sempre que surgem transformações sociais e econômicas mais amplas, aliadas ao acesso das crianças a informação sobre o mundo adulto.

Como as que estamos vivenciando, que desestabilizou as estruturas familiares e assim, vez surgir uma nova preocupação: a perda da infância. Esta, é perceptível através do desaparecimento das diferenças entre adultos e crianças, como aponta Postman:

As evidências do desaparecimento da infância vêm de várias maneiras e de diversas fontes. Há, por exemplo, a evidência fornecida pelos próprios meios de comunicação, pois eles não só promovem a desmontagem da infância valendo-se da forma e do contexto que lhes são peculiares mas também refletem esse declínio em seu conteúdo. Há evidência a ser observada na fusão do gosto e estilo de crianças e adultos assim como nas mutáveis perspectivas de instituições sociais importantes como o direito, as escolas e os esportes. (POSTMAN, 1999.)

Diante dessa hiper-realidade indefinida, a criança busca a definição de sua identidade: ora se vê detentora do universo adulto e auto-suficiente, pois tem acesso a muitas informações próprias desse universo, mas ora se vê como um ser frágil e dependente desse mundo.

COELHO, (2000) destaca a importância da Literatura destinada ao público infanto-juvenil nesse novo contexto: “é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta.”

Dessa maneira, a Literatura Infanto-Juvenil apresenta-se como uma aliada nesse processo de representação identitária, já que por meio de uma linguagem metafórica aborda temas característicos dessa nova realidade, com personagens que vivenciam situações similares a que as crianças enfrentam no mundo real.

Nesse universo literário, destacamos a obra *A bolsa amarela*, da escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes que apresenta um longo caminho de descoberta da identidade da protagonista, a menina Raquel.

3 Quem és, Raquel?

A obra *A bolsa amarela* foi publicada em 1976. Nesse livro, a autora Lygia Bojunga nos apresenta à narradora e protagonista Raquel que vivencia um processo de construção identitária. Para evidenciar essa busca por identidade, Lygia Bojunga, utiliza

como recurso a linguagem metafórica que possibilita à Raquel uma longa viagem pelo seu mundo interior, visando adequá-lo ao mundo exterior, por meio do autoconhecimento.

Essa temática – representação identitária- tão evidente na obra da autora, é reflexo das transformações sociais e culturais promovidas pela era contemporânea, como afirma Hall:

... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006: 13)

Raquel pertence a uma família autoritária que negligência a criança e restringe sua voz social. Por isso, ela constrói uma realidade imaginária para dar voz e vez as suas três grandes vontades: ser garoto, ser adulta e ser escritora. Estas, representam a rejeição de Raquel pela identidade que possui dentro da família: criança, um ser que não possui direitos de escolher ou discordar, ou seja, não tem liberdade e espaço para vivenciar essa etapa da vida.

Logo, sente a necessidade de assumir outras identidades: garoto, adulta, escritora:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades[...] Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje to achando que é a vontade de escrever. (p. 9)

Esse processo vivenciado pela protagonista é caracterizado por HALL (2006) como “*jogo de identidades*”, no qual assumimos identidades diferentes em diferentes momentos, já que são contraditórias e mudam de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado.

Por isso, quando Raquel é descoberta pela família escrevendo para seu amigo imaginário, *André*; a vontade de ser escritora diminui:

[...] Não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais.
E pronto; nunca mais escrevi.
Passei uns tempos sem escrever carta nenhuma. (p.18)

Mas a vontade de escrever, logo volta a aparecer, pois Raquel precisa compartilhar com alguém os conflitos familiares que são tão presentes em sua casa. Por isso, cria a amiga imaginária *Lorelai*: “Fui no meu esconderijo de nomes, peguei um nome que eu adoro, inventei uma amiga pra ele e comecei a escrever pra ela...” (p. 19)

A família novamente repreende a vontade de escrever de Raquel:

...minha irmã cismou de fazer arrumação no armário e achou as cartas atrás da gaveta. Armou um barulho daqueles! [...]
...me deu um puxão de orelha, fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. Desisti de escrever carta. (p. 21)

Todavia, Raquel não desanima e resolve escrever um romance, pois como é uma história fictícia, sua família não iria mais reprimi-la: “E seu escrevo um romance? Aí ninguém mais pode fica contra mim porque todo mundo sabe que romance é a coisa mais inventada do mundo.” (p. 21)

Raquel escreve a história de um galo que se revolta contra as regras do galinheiro e foge:

Era a história de um galo chamado Rei – lindo de morrer – que um dia fica louco pra largar a vida de galo. [...]
Então ele resolve fugir do galinheiro. (p. 21-22)

Sua família descobre a narrativa e passa a ridicularizá-la:

Quando eu voltei do cinema encontrei todo mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava. (p. 23)

E assim, sua fuga imaginária, através da linguagem metafórica perde sentido: “Foi me dando uma raiva de ter largado o romance no quarto que, de repente, sem pensar no que eu estava fazendo, peguei meu romance e rasguei todinho.” (p. 23)

Através desse personagem fantástico e metafórico, Raquel busca se desvencilhar de suas identidades que são recusadas por ela própria: ser mulher e ser criança.

O galo representa o desejo de se livrar de uma vida problemática e sufocante (a infância) e a superioridade masculina em relação a mulher presente nas relações sociais . Por esse motivo, Raquel deseja assumir a identidade masculina: “... eu acho muito melhor ser homem do que mulher. [...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode.” (p.16)

E continua:

Puxa vida, por que é que eu não tinha nascido Alberto em vez de Raquel? Pronto! Mal acabei de pensar aquilo e a vontade de ter nascido garoto deu uma engordada tão grande que acordou o terrível ... (p.76)

Ao longo da narrativa, essas novas identidades buscadas por Raquel (vontades) se tornam tão latentes que ela precisa escondê-las da censura de sua família. É nesse ponto, que surge a bolsa amarela, presente da tia Brunilda, que é rejeitado por toda família:

Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.
- Toma Raquel, fica pra você.
Era a bolsa. (p.26)

A bolsa se torna um esconderijo imaginário para os desejos, conflitos e amigos imaginários de Raquel:

Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto. (p.31)

Metaforicamente, configura-se como o mundo interior da protagonista que está em busca de autonomia. A própria cor da bolsa – amarela - simboliza esse processo identitário, marcado pela volubilidade:

Mas não era um amarelo sempre igual: às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato. (p.27)

O primeiro morador imaginário da bolsa é o galo “Rei”, que havia fugido do galinheiro, no início da narrativa. Ele recusa esse nome e escolhe o nome de “Afonso”, porque no mundo idealizado por Raquel, não há hierarquias sociais: “Não repara não,foi você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.[...] esse nome não combina comigo.” (p.40).

Esse personagem desempenha papel significativo na representação da identidade de Raquel: revela a visão de organização social e familiar almejada por ela :

Eu sonhava com um galinheiro legal, todo mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que elas fizeram? Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim. (p .36)

Esse ideário é fortalecido com a metáfora da casa dos concertos, na todos os membros são iguais, independentemente do sexo ou idade e todos possuem o mesmo poder de decisão:

A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada uma dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor. (p.114)

Além disso, a necessidade de se lutar por um ideal, mesmo sem ter descoberto ainda por qual :

- Me conta uma coisa; quais são as suas idéias, hem?
- Pois aí é que está: ainda não deu pra ter nenhuma idéia.
- Ué! Se você não tem nenhuma idéia, como é que você vai lutar pro uma idéia:
- Bom primeiro eu preciso ter a idéia. Depois eu saio lutando. (p.39)

Raquel vai criando espaço para outros personagens imaginários no seu mundo fictício que são metáforas para as identidades provisórias desejadas pela menina:

- a Guarda-chuva: revela uma harmonia entre a menina e o gênero feminino e entre a criança e a vontade de crescer. Como se observa no trecho abaixo:

- Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?
- E ele respondeu: mulher. [...]
- Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar. [..]
- Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda.
- O homem se espantou:
- E se mais tarde você cismar de crescer?

O fato de o guarda-chuva poder aumentar e diminuir sua haste, mostra que Raquel mesmo transformando-se em mulher, poderá guardar o seu lado infantil:

... Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande.
E o homem então fez o Guarda-Chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força. (p.49)

-o Alfinete de Fraldas: simboliza a essência infantil que Raquel guardará consigo, ou seja, uma reconciliação com a sua identidade social: criança :

Um daí eu ia passando e vi o Alfinete caído na rua. Peguei, limpei, desenferrujei, experimentei a pontinha dele no meu dedo, vi que ela era afiada toda vida [...]
-Me guarda? Já não agüento mais viver aqui jogado [...]
-Guardo. (p.43-44)

Após percorrer esse longo processo de amadurecimento, Raquel aceita plenamente as identidades sociais que a caracterizam: criança, mulher e escritora. Assim, seus conflitos interiores são resolvidos e suas vontades diminuem. Por isso, seus amigos – o galo Afonso e a Guarda-Chuva deixam a bolsa amarela (mundo interior da narradora). O único que fica guardado é o Alfinete de fraldas para simbolizar a essência infantil que a acompanhará por toda vida adulta.

Referências

- ARIES, Philippe. História Social da Criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BOJUNGA, Lygia. A bolsa amarela. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares. O mundo da criança: a construção do infantil na literatura brasileira. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trd. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- POSTMAN, Neil. O Desaparecimento da Infância. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.11-49;135-154.
- ZILBERMAN, Regina & MAGALHÃES, Ligia C.. Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1984.